

## E - TEMAS LITERÁRIOS:

### O SILÊNCIO DE SANTO TOMÁS NO “AUTO DA ALMA” (NÓTULA VICENTINA). (1949)

Não pode deixar de causar espécie a quem atentamente lê e estuda o sublime *Auto da Alma*, o silêncio em que se mantém um dos personagens, Santo Tomás, em todo o curso da peça.

Na verdade, é fato curioso o contraste: Gil Vicente faz figurar no auto quatro Doutores, *pilares da Igreja*; dá largamente a palavra a três deles e não põe uma só frase na boca do Anjo das Escolas.

Por que assim procedeu o grande Autor?

Que nos conste, ainda não se tentou solver esse interessante problema da obra vicentina.

Em vista disso, mais por suscitar úteis pesquisas que por pretender achar solução, ousamos aventar, para o caso, três hipóteses, sendo que a primeira é de teor negativo.

Passemos a explaná-las:

1ª - Pode muito bem ser que o silêncio em que se mantém o Doutor Angélico no *Auto da Alma* seja coisa casual, não propositada, um esquecimento de Gil Vicente, que, por isso mesmo, não buscou, assim procedendo, nenhum efeito especial. Não nos inclinamos, porém, a tal hipótese.

2ª - Contam-nos os biógrafos que o autor da *Summa Theologica* era homem ensimesmado, de temperamento melancólico, muito dado à reflexão, à meditação profunda e muito parco em palavras. Era tão recolhido o Santo, tão avesso a expansões, tão meditativo, tão calado, que lhe deram os colegas o apelido de “boi mudo”, *bos mutus*, quando ele em Colônia ouvia as aulas do seu grande mestre Alberto Magno.

Pois bem: é possível conjecturar que Gil Vicente, em toda a peça em questão, não atribuiu uma só palavra a Santo Tomás, por representá-lo coerente com o retrato que dele fazem seus biógrafos e principalmente por figurá-lo conforme ao cognome que lhe deram os companheiros de estudos: *bos mutus*.

3ª - Esta terceira hipótese que aventamos é a que nos parece mais plausível.

No *Auto*, aparece a Igreja ladeada de quatro Doutores, seus pilares (vs. 510-512): S. Agostinho, S. Jerônimo, S. Ambrósio e Santo Tomás. Agostinho

introduz o assunto e mais tarde volta à cena, juntamente com os três outros, para servir à Alma as iguarias.

Cumpra salientar, antes de mais, que a escolha que fez Gil Vicente dos quatro esteios da Igreja não foi arbitrária. Tomaram-se três Padres e um Teólogo<sup>(1)</sup>, o maior de todos.

Jerônimo, Ambrósio e Agostinho viveram na mesma época (Ambrósio morreu em 397, Jerônimo, em 420 e Agostinho, em 430) e são grandes Padres da Igreja Latina.

S. Jerônimo foi um vigoroso polemista, conhecia a fundo o grego e o latim, é autor da *Vulgata*, e ficou consagrado, na história do pensamento cristão, como o mais seguro e mais luminoso dos intérpretes das Sagradas Letras, o que lhe valeu o título de “Pai dos Exegetas”. A Igreja oficialmente corrobora esse juízo quando lhe chama, na *Oratio* da sua missa (a 30 de setembro), Doutor Máximo na exposição das Sagradas Escrituras: “Deus, qui Ecclesiae tuae in exponendis sacris Scripturis beatum Hieronymum Confessorem tuum, Doctorem maximum providere dignatus es...”

S. Ambrósio, o célebre Arcebispo de Milão, é um dos mais acatados e mais celebrados Padres da Igreja Latina. Grande doutrinador, deixou obra numerosa e altamente significativa, tendo desenvolvido importantíssimo trabalho de assistência social. A vida de S. Ambrósio é das mais empolgantes de toda a hagiografia cristã, tanto que católicos e acatólicos são uníssonos em exaltar-lhes as peregrinas virtudes. Foi ele quem converteu S. Agostinho. Dos escritos do Arcebispo de Milão se fizeram várias edições, sendo primeira em antiguidade a de Basiléia, organizada e dirigida por Erasmo, em 1512.

S. Agostinho é o vulto máximo da Patrologia, assim latina como grega, e uma das inteligências mais poderosas que a humanidade já produziu. Durante os trinta e cinco anos em que foi Bispo de Hipona, desenvolveu prodigiosa atividade, espancando erros e desvios da doutrina, sendo, por isso, chamado “Martelo das Heresias”.

Santo Tomás de Aquino é a figura mais alta da Teologia, o grande gênio da Escolástica, o homem mais sábio e mais profundo do seu tempo, filósofo que repensou toda a obra de Aristóteles e acomodou o peripatetismo ao pensamento cristão, o que inaugura uma nova era na filosofia das Escolas. É cognominado o Doutor Comum da Igreja Católica. Viveu no séc. XIII. Seu sistema filosófico, notável pela grande e robusta unidade, é chamado *Tomismo* e assinala o apogeu da Escolástica.

Depois desse esclarecimento, tornemos ao nosso ponto. Como dizíamos e como se vê, Gil Vicente escolheu bem os quatro Doutores que deviam figurar como sustentáculos da Igreja.

E agora se põe a nossa questão: porque no *Auto da Alma* falam os três Padres e Santo Tomás fica calado?...

Será talvez por isto. O século XV e o XVI trazem, com o Renascimento, uma reação violenta e cega contra a Escolástica. O clima espiritual que respirou Gil Vicente foi de antitomismo o mais radical.

Verdade é que nesse mesmo séc. XVI houve uma importante ressurreição do Tomismo, conhecido como Idade de Prata da Escolástica, reação essa que teve dois grandes baluartes em Salamanca e em Coimbra e em que figura entre outros um importantíssimo filósofo de nacionalidade portuguesa, João de Santo Tomás.

Mas Gil Vicente não teve conhecimento de tal revivescência escolástica, pela simples razão que ela se deu no fim do século de quinhentos, morto já o Plauto Português. Quase todos os grandes nomes dessa Idade de Prata nasceram depois da elaboração do *Auto da Alma*, que foi levado à cena em 1518.

Portanto Gil Vicente, - católico, sabia que Santo Tomás é o Doutor Comum da Igreja -, homem do seu tempo, sabia que a Escolástica estava superada e era mesmo digna de irrisão e de desprezo.

Acresce a isso que o fundador do teatro nacional português era bastante erasmiano<sup>(2)</sup>, deixou-se impregnar não pouco do espírito do grande humanista de Roterdão, o qual, como se sabe, foi uma das mais altas e prestigiosas vozes que, no Renascimento, combateram e ridicularizaram a Escolástica. Note-se ainda que Erasmo, inimigo da Escola, era grande admirador dos Padres, tanto que promoveu e dirigiu a publicação das obras de vários deles, entre os quais S. Ambrósio (a 1ª edição de suas obras, como ficou dito, é de Erasmo), S. Jerônimo e S. Agostinho...

Diante disso, não é lícito supor que, no *Auto da Alma*, Gil Vicente, influenciado por Erasmo, respirando a atmosfera antitomista do seu tempo, propositadamente fez falar os Padres e deixou mudo a Santo Tomás para significar que a voz da Escolástica estava calada, que a hora desta já passara, e que os homens do século dezesseis já não iam pedir conselhos aos filósofos e teólogos medievos, nem mesmo se interessavam em ouvir-lhes a palavra?

---

(1) Na técnica da linguagem eclesiástica se distingue a *Patrologia* da *Teologia*. Aquela é a doutrina dos Padres, e vai desde o princípio do 2º século da era cristã até o século V. Seu maior nome é Agostinho, que lhe marca o apogeu. Seguem-se dois séculos de transição (VI-VII), e depois surge a *Teologia* propriamente dita, que, para conceituar em uma palavra, é a investigação e a explicação dos dados da Revelação pela filosofia. O maior vulto da Teologia católica é Santo Tomás de Aquino (séc. XIII).

(2) V. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*, I (Gil Vicente em Bruxelas), Edição da Revista “Ocidente”, Lisboa, s/d., p. 55.

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, out.1949, p. 230-233.)

## AS REGRAS DE BEM VIVER EM “OS LUSÍADAS”.

(1980)

[Comunicação à III Reunião Internacional  
de Camonistas, em Coimbra.]

Hesitei antes de dar título a este ensaio: “regras de bem viver”? Parecia-me, e parece-me, que seria útil empreender um estudo sistemático dos ditos sentenciosos que enxameiam na obra do épico, tão ricos são eles de conteúdo e tão reveladores de uma sabedoria haurida no estudo, sim, mas principalmente na experiência intensamente vivida. Certamente não é este o lugar nem a ocasião para tal estudo, mas tem plena cabida acenar para ele, convocar interessados e voluntários, fazer, enfim, um convite formal. É possível até que um dos atendentes ao convite venha a ser o próprio convidante de hoje.

Abalancei-me ao ensaio, apesar do título imperfeito, porque, ao que me conste, o assunto ainda não mereceu especial atenção dos muitos camonistas de hoje e de outrora. E se estou enganado, que me contestem e relevem a minha ignorância, aliás, de si, injustificável numa assembléia como esta <sup>(1)</sup>.

“Regras de *bem viver*”... vá lá. Porque, afinal, são regras de vida essas que colhi na epopéia. E regras de *bem viver*, tomando-se o advérbio na tríplice área semântica do *bonum* da Filosofia Clássica: *honestum, utile, delectabile*. O bem procurado por si mesmo, como conveniente à natureza racional do homem; o bem buscado, como simples meio relativamente a outro; o bem consistente no desfrute de outro bem alcançado.

Verdade é que não topei em Camões nenhuma regra de viver alinhável na terceira categoria. Apenas uma classificável como pragmática, repetidora, aliás, com muito mais apuro de forma, de um provérbio ou brocardo latino - “A ocasião é careca” - isto é, desprovida de cabelos: em passando, cumpre pegá-la de cernelha, não nos escape.

O nosso Poeta deixa ao malvado Baco o conselho de aproveitar a fugidia ocasião para se alcançar o pretendido, no caso, deitar a perder o nobre Gama, porque não chegue nunca à Índia desejada:

Eu decerei à terra e o indignado  
Peito revolverei da maura gente;  
Porque *sempre por via irá direita*  
*Quem do oportuno tempo se aproveita.* (I, 76)